

EDITORIAL

Em 2023, o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) realizou seu décimo segundo Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM) na cidade de Teresina, na Universidade Federal do Piauí. Com o tema “Contribuições humanistas para a Geografia Contemporânea”, título que agora nomeia esse número especial de **Geograficidade**, apresentamos 13 artigos que foram discutidos nas seções temáticas durante o evento.

Os eixos para submissão estão aqui representados (“Identidade”, “Educação”, “Política” e “Ambiente”), perfazendo um quadro de possibilidades de diálogo e articulação dos estudos humanistas e culturais com diferentes temáticas prementes no debate dos estudos geográficos e suas interfaces.

Iniciamos com o texto de Tiago Rodrigues **Moreira**, “Um fundamento existencial para a sexualidade: a situação”, que apresenta um caminho fenomenológico-existencial para pensar a sexualidade como abertura, no encontro do pensamento de Sartre com Butler e Ahmed. Sexualidade-em-situação seria uma possibilidade de combater as normatividades, radicalizando a emergência de uma situacionalidade política voltada para a liberdade.

Maglandyo da Silva **Santos** e Otávio José Lemos **Costa** resgatam a prenhe expressão de Wright, *terrae incognitae*, em “Geosofia e experiência em um terreiro de candomblé”. O artigo se volta para as geografias praticadas em terreiro, articulando conhecimento e cultura a partir da perspectiva dos geossímbolos e da corporeidade do ser-no-mundo como experiência identitária de abertura.

Em “Da escuridão à claridade, da claridade à escuridão: velamentos e desvelamentos da experiência religiosa no lugar em Guiné-Buissau”, Nelson Cortes **Pacheco Junior** se inspira em Heidegger para pensar a religiosidade na constituição dos lugares no país africano, em especial nas tabancas (áreas rurais do interior do país). O *tchon* (chão) guineense emerge a partir da oralidade e da lugaridade como constituinte da experiência religiosa como modo-de-ser.

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de **Campos** nos provoca, em “Pedalar como um gesto cartográfico”, a pensar uma geografia para/na/com arte a partir da atividade dos cicloentregadores, que se deslocam pela cidade constituindo narrativas e cartografias afetivas e sentimentais que são grafadas pelo corpo-bicicleta em movimento.

Carlos Roberto Bernardes de **Souza Júnior** assina o artigo “Ecofenomenologias do lugar: semeaduras do coabitar para polinizar geografias mais-que-humanas”, no qual mobiliza as contribuições da ecofenomenologia, especialmente a de inspiração merleau-pontiana, para pensar a lugaridade como uma mistura coabitacional que articula arranjos coexistenciais da realidade geográfica, em direção a uma geografia mais-que-humana.

Em “A paisagem do medo de Jordan Peele: o espetáculo aterrorizador na atmosfera entre-espacial em ‘Não! Não olhe’”, de Fábio **Tavares** e Felipe Lima de **Souza**, é apresentada uma interpretação do filme articulando a construção

de mundo na narrativa e a sensação de terror associada. A paisagem é utilizada para expressar o medo, revelando-se fator importante na construção do cinema de terror psicológico do cineasta.

Anthony de Padua Azevedo **Almeida** traz proposições práticas em torno da relação Geografia e Literatura a partir de oficinas de escrita de crônicas, em “Crônicas do meu lugar: reflexões metodológicas sobre Geografia e Literatura”, no qual reflete as possibilidades do gênero tipicamente brasileiro em revelar lugares e experiências geográficas.

O artigo “Intervenções paisagísticas comunitárias: cidadania paisagística e autogestão da paisagem no bairro do Vasco da Gama, Recife (PE)”, de Maria Vitoria **Andrade**, David Tavares **Barbosa** e Caio Augusto Amorim **Maciel**, mostra as potencialidades políticas da paisagem em estudo que articula questões urbanas, ambientais e sociais.

A seguir, temos três textos em torno da educação: “Mesmo exaustos, continuamos-sendo: um enfoque fenomenológico da resiliência”, de Felipe Costa **Aguiar**, que discute um dos temas candentes da educação contemporânea: a exaustão e a demanda por resiliência, ou seja, por poder-ser e continuar-sendo; “Lévinas e uma educação geográfica para a alteridade: o rosto do outro na formação docente descolonial”, de Jéssica Bianca dos **Santos** e Jamille da Silva **Lima-Payayá**, que traz o pensamento do filósofo franco-lituano como possibilidade de uma educação ética radical; e “O conceito habermasiano de aprendizagem e suas possíveis contribuições para uma educação geográfica de natureza humanística-cultural”, de Fábio Rodrigo Fernandes **Araújo**, que mobiliza o pensamento do filósofo alemão para potencializar o mundo-da-vida na perspectiva de uma educação voltada para o agir comunicativo e a intersubjetividade.

O artigo de Rosalvo Nobre **Carneiro**, “Uma política deliberatura para a Geografia Humanista Cultural: mundo da vida e poder comunicativo”, também reverbera as contribuições de Habermas, mas para o campo político, mostrando como a colonização do mundo-da-vida precisa ser combatida para criar canais comunicativos efetivos no campo democrático, remetendo à necessidade de uma geoética.

O volume se encerra com o artigo “Pessoas que usam crack e sua microterritorialidade no centro histórico de Belém (PA): da cena de uso à geograficidade precária no espaço público”, de Alan Pereira **Dias**, que mostra como microterritórios operam como refúgios precários para os que estabelecem uso prejudicial de drogas, em processos de marginalização e estigmatização dos corpos e práticas.

O conjunto dos artigos mostra a pujança e diversidade de abordagens, temáticas e metodologias, apontando para múltiplas contribuições e atravessamentos que os estudos humanistas e culturais oferecem para a Geografia contemporânea.

Eduardo Marandola Jr.
Editor-Chefe

GEOGRAFICIDADE